

No meio da floresta, signos de um holocausto à brasileira: o discurso fotográfico da agonia Yanomami

In the forest, signs of a Brazilian holocaust:
the photographic discourse of Yanomami agony

 Thays Carvalho Cesar

 Maria de Lourdes Rossi Remenche

 Ana Paula Pinheiro da Silveira

Resumo: Este artigo visa analisar a fotografia como signo ideológico, considerando os recursos utilizados para a construção do sentido das fotografias veiculadas pela imprensa sobre a difícil situação vivida pelos Yanomami. Tal abordagem mobiliza os recursos utilizados para a construção do sentido, tendo em vista que fotos não podem criar uma posição moral, mas podem reforçá-la e podem ajudar a fortalecer uma posição moral ainda embrionária. As fotografias se constituem em documento histórico para o registro de acontecimentos. Embora esse documento histórico traga menos informações do que, de fato, contém a realidade, a fotografia como signo ideológico é concomitantemente reflexo da realidade e fragmento material dessa realidade. Todas as manifestações de criação ideológica e os signos não verbais produzem não apenas discursos, como também práticas sociais. A partir de uma

Thays Carvalho Cesar. Mestranda em Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: thays.carvalhoc@yahoo.com.br

Maria de Lourdes Rossi Remenche. Pós doutora em educação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: mremenche@utfpr.edu.br

Ana Paula Pinheiro da Silveira. Doutora em Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: apsilveira@professores.utfpr.edu.br



abordagem qualitativo-interpretativista, e ancorada na revisão bibliográfica de autores como Susan Sontag (2003/2004), John Berger (2017) e Volóchinov (2021), a análise evidenciou que o signo ideológico das fotografias Yanomami é marcado por seu horizonte histórico e social. Os elementos que constituem as imagens evidenciam o descaso, a miséria e o abandono desse povo. Os signos ideológicos das fotografias, nesse cenário, possuem significação interindividual e valor social.

Palavras-chave: Fotografia; Signo ideológico; Discurso; Sentido; Yanomami.

Abstract: This article analyzes photography as an ideological sign, considering the resources used to construct the meaning of the photographs published by the press about the difficult situation experienced by the Yanomami. Such an approach mobilizes the resources used for the construction of meaning, considering that photos cannot create a moral position, but they can reinforce it and can help strengthen a still embryonic moral position. Photographs constitute a historical document for recording events. Although this historical document brings less information than, in fact, it contains reality, photography as an ideological sign is, at the same time, a reflection of reality and a material fragment of that reality. All manifestations of ideological creation and non-verbal signs produce non-discourses, as well as social practices. Based on a qualitative-interpretative approach, and anchored in the bibliographic review of authors such as Susan Sontag (2003/2004), John Berger (2017) and Volochinov (2021), the analysis showed that the ideological sign of Yanomami photographs is marked by their horizon historical and social. The elements that make up the images show the neglect, misery and abandonment of these people. The ideological signs of the photographs, in this scenario, have inter-individual significance and social value.

Keywords: Photography; Ideological sign; Discourse; Sense; Yanomami.

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.

Davi Kopenawa (2015)

Introdução

Janeiro de 2023, há poucos dias da posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em seu terceiro mandato, e do fracasso do Golpe de 8 janeiro na Praça dos Três Poderes, o Brasil volta a ocupar as páginas dos principais jornais para noticiar uma crise humanitária: a tragédia Yanomami, que para alguns já era anunciada, visto que nos últimos anos o crescimento do garimpo ilegal dificultou que o povo originário que habita aquela região pudesse manter a sua cultura, a caça e a pesca, fonte de alimentação.

A notícia ganha, nos principais jornais nacionais e internacionais, contornos de “genocídio” em um momento no qual muitas instituições defendem o meio ambiente e ações sustentáveis para proteger o planeta e garantir que o desenvolvimento econômico respeite a conservação ambiental e a preocupação com o desenvolvimento social. As man-



chetes de diferentes jornais, que tratam de responsabilidade governamental, de genocídio, de falta de políticas públicas, não demoram a produzir uma série de enunciado-respostas.

Nesse cenário, os discursos polarizados mobilizam argumentos, dados estatísticos, para alimentar diferentes narrativas e pontos de vista que vão, ao final, traduzir a realidade na qual vive o povo Yanomani como descaso, atribuindo ao desmonte de órgãos de proteção ambiental o avanço do garimpo em detrimento da cultura indígena; ou vão tentar justificar que toda a narrativa é uma estratégia assumida pela esquerda com a finalidade de capitalizar a tragédia politicamente, a partir da leitura de outros dados estatísticos. Nessa dinâmica discursiva, evidencia-se que os discursos revelam e refratam as ideologias que os sustentam e que, por isso, não são neutros, assumem posições valorativas que tendem a explicitar determinados aspectos no processo de produção de sentidos.

Nesse embate discursivo, um fato é inegável: as fotografias que circularam na mídia atestam a relevância da situação e a urgência em buscar soluções que atenuem imediatamente o sofrimento desse povo, enquanto se analisam políticas públicas que possam garantir direitos para os povos originários.

Para Sontag (2004), fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento e, portanto, ao poder. As fotografias, na esfera jornalística, podem ser compreendidas como signos que produzem diferentes significados e mobilizam, no contexto da tragédia Yanomami, não só sentidos da miséria, capturada em instantes que revelam a indigência, a penúria, a pobreza econômica, material, de cuidados, de assistência, de dignidade desse povo, como também explicitam nossas próprias misérias humanas pela falta de empatia, avareza e mesqui-



nharia. Nesse sentido, Sontag (2004) alerta que, por nos acostumarmos ao que, antes, não suportávamos olhar ou ouvir, porque era demasiado chocante, doloroso ou constrangedor, a arte modifica a moral e, assim, estabelece uma vaga fronteira entre o que é emocional e espontaneamente tolerável e o que não é.

Nessa perspectiva, alguns questionamentos nos interpelam a saber: Quais signos ideológicos constituem as fotografias dos Yanomami e produzem efeitos de sentido? Tais signos são lidos como produções sociais e históricas?

Nesse contexto discursivo, o presente artigo tem por objetivo analisar a fotografia como signo ideológico e as escolhas enunciativas para a produção de sentido, considerando que fotos não podem criar uma posição moral, mas podem reforçá-la e contribuir para desenvolver uma posição moral ainda embrionária (SONTAG, 2004, p. 28).

Para tanto, selecionamos duas fotos veiculadas em notícias de jornais digitais, para analisar, em uma abordagem qualitativo-interpretativista, o percurso de produção de sentido em um contexto em que o “vasto catálogo fotográfico da desgraça e da injustiça em todo o mundo deu a todos uma certa familiaridade com a atrocidade, levando o horrível a parecer mais comum” (SONTAG, 2004, p. 31). As fotos, que se constituem em texto-enunciado, foram extraídas de reportagens realizadas pelos jornais digitais El País e Sumaúma, nos dias 17/05/2021 e 20/01/2023, respectivamente. O tempo de intervalo entre as fotos é importante para a interpretação do contexto histórico e social que compõe a análise das imagens.

Na análise qualitativo-interpretativista o objeto é mobilizado a partir de uma abordagem subjetiva, pois, como esclarece Bortoni-Ricardo (2008), o foco da pesquisa reside na interpretação que o pesquisador faz de seus dados, a fim de estudar detalhadamente uma situação específica.



Assim, para melhor organização do trabalho, na seção seguinte será feito um apanhado teórico sobre as relações entre fotografia e discurso, com enfoque voltado à construção da imagem como signo ideológico, pois, para Volóchinov (2021), o signo é formado pela significação e pela ideologia, já que “qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social [...] reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. “Onde não há signo também não há ideologia.” (VOLÓCHINOV, 2021, p. 91).

Na seção “Os signos da agonia Yanomami” serão analisadas duas fotografias veiculadas nos jornais digitais El País e Sumaúma, respectivamente, relacionando com as teorias sobre fotografia de Roland Barthes (2022) e Susan Sontag (2003/2004).

Por fim, as “Considerações Finais” fazem um apanhado geral do que foi escrito ao longo do trabalho e permitem refletir sobre a imagem e os sentidos que produzem em determinados contextos sociais.

Fotografia e Discurso

Medviédev (2012) argumenta que todo enunciado concreto é um ato social e pode se materializar por meio de um conjunto peculiar – sonoro, pronunciado, visual – e se constitui como parte da realidade social. Na mesma linha, compreendemos que “Qualquer fenômeno ideológico sígnico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2021, p. 94). Tais ideias evidenciam que o visual constitui o discurso e, em muitas situações de comunicação, as práticas discursivas hibridizam os recursos semióticos para produzir sentidos.



Segundo Berger (2017), as fotografias, gênero multissemiótico, testemunham uma opção humana sendo exercida numa dada situação e resulta da decisão do fotógrafo de que vale a pena registrar um evento ou objeto específicos que foram vistos. Deste modo, a fotografia mobiliza um processo de seleção que envolve o armazenamento, ou não, de um acontecimento em foto.

O sociólogo Martins (2022, p. 98) assevera que “a fotografia é um dos componentes do funcionamento desta sociedade intensamente visual e intensamente dependente da imagem”. Mas não é ela o melhor retrato da sociedade. Desse modo, a fotografia nos concede “fragmentos” do mundo em que vivemos e, para que o sujeito depreenda a representação total da imagem, é necessário que esteja imbuído da história do fato fotografado. Nessa concepção, o valor da fotografia consiste na informação nela contida e não no objeto em si, assim, a informação transmitida depende de como a imagem é interpretada, dos elementos sócio-históricos que definem o tempo e o espaço em que foi produzida e mobilizados pelo leitor/interlocutor na sua recepção.

Toda foto pode ter múltiplos significados e instigar quem olha a imaginar o que está além da imagem, a pensar em como deve ser a realidade para além do recorte fotográfico. Em uma notícia de jornal, que consiste no *corpus* deste trabalho, a relação entre a fotografia e a palavra é primordial, pois:

Na relação entre uma fotografia e palavras, a primeira anseia por uma interpretação, e as palavras normalmente a suprem. A fotografia, irrefutável como evidência mas fraca em significado, ganha das palavras um significado. E as palavras, que por si mesmas permanecem no nível da generalização, ganham uma autenticidade específica por meio da irrefutabilidade da fotografia. Juntas as duas se tornam muito poderosas (BERGER, 2017, p. 92).



A produção de sentido, nessa perspectiva, decorrente da interpretação que o sujeito desempenha é uma relação entre o próprio sujeito, a língua, a história e a materialidade fotográfica. Para Volochínov (2021), um objeto físico se converte em signo quando, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir em certa medida uma outra realidade. Isto significa que “para que a língua faça sentido é preciso que a história intervenha, pelo equívoco, pela opacidade, pela espessura material do significante” (ORLANDI, 1999, p. 47).

Na mesma linha, Orlandi (1999) defende o imperativo da interpretação diante dos objetos simbólicos, da necessária pergunta sobre o que eles significam. E na visão da autora, o sentido da resposta esperada somente pode vir pela interpretação, porque é o pôr-se em questão, é o indagar-se que leva o sujeito a produzir um determinado sentido, a desvelar a sua opacidade ou a sua máscara.

A fotografia só pode significar assumindo uma máscara. (...) A máscara é, no entanto, a região difícil da fotografia. A sociedade, assim parece, desconfia do sentido puro: ela quer sentido, mas ao mesmo tempo quer que esse sentido esteja cercado de um ruído que o faça menos agudo (BARTHES, 2022, p. 20).

Desse modo, o sujeito é levado a “desmascarar” a fotografia, direcionando sobre ela o seu olhar, observando e analisando o que quer dizer, pois, simultaneamente, ela reflete e refrata a realidade e, a partir do signo, pode-se levantar possibilidades de sentido se ela carrega a imagem verdadeira de um acontecimento ou apenas um recorte cruel de uma outra realidade. Fotografias possuem cunho informativo e vêm carregadas de significados. Assim, é necessário interpretá-las desde a intenção de quem a produziu, bem como do lugar que ocupa em um determinado



enunciado, a forma de apresentação e ideologias que carregam enquanto imagem composta por diversos elementos simbólicos.

Ao tomarmos a imagem como discurso, partimos do pressuposto de que imagens são enunciados/textos e, portanto, não são neutras e produzidas ao acaso. Realizar uma análise do discurso fotográfico, pensando na fotografia como um signo ideológico (VOLÓCHINOV, 2021; SONTAG, 2004), pode proporcionar uma reflexão sobre o papel da imagem na sociedade e como o discurso imagético produz efeitos de sentido e “verdades” na sociedade.

Brait (2005), refletindo sobre os trabalhos do Círculo de Bakhtin, explica a ideologia como todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem por meio de palavras [...] ou outras formas sígnicas. Volóchinov (2021) compreende o signo como aquilo que reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. Desse modo, tudo o que é ideológico possui uma significação sígnica. A fotografia, nesse sentido, constitui um signo ideológico, uma vez que qualquer corpo físico pode ser percebido como a imagem de algo. Para Volóchinov (2021) o objeto físico é transformado em um signo. Sem deixar de ser uma parte da realidade material, esse objeto, em certa medida, passa a refratar e a refletir outra realidade.

Dessa maneira, o sujeito que olha é essencial para significar a imagem e transformá-la em discurso. Isso ocorre porque o horizonte valorativo é o que possibilita a constituição e contínua atualização do sujeito, em um movimento de complementação a partir da alteridade, ou seja, de um outro que pode ser o mundo, outra pessoa, e até mesmo o próprio sujeito (BAKHTIN, 1993, 2015). Nessa busca pela completude - impossível de ser alcançada – o sujeito vai se constituindo por



meio do social em um intercâmbio atualizado frequentemente pelos contextos sócio-históricos. Por isso,

Eles [os signos] tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornaram-se parte da realidade que circunda o homem (MEDVIÉDEV, 2012, p. 48-49).

Nessa concepção, o meio ideológico constitui consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriorizada, visto que

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo não há ideologia (VOLÓCHINOV, 2021, p. 91).

Vale destacar que, na mídia, nada é veiculado sem que haja um controle. Os sistemas de controle funcionam em função dos poderes que a mídia possui no “mercado” de informações e pela relação dela com outros poderes. Conforme menciona Foucault:

suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2003, p. 8-9).



Nada ou quase nada é dito por acaso ou é difundido sem controle. Assim, destaca-se a importância de situar um enunciado em um contexto correspondente (VOLOCHÍNOV, 2021 p. 232). “As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das ideias e da consequente formação e manipulação da opinião pública”. (KOSSOY, 2002, p. 20). Assim, a credibilidade da fotografia faz dela uma excelente ferramenta para ser avaliada, utilizada e entendida como aquela que expressa a verdade e, em diálogo com o texto verbal, produz significações que podem levar o público a acreditar ou duvidar de determinado fato.

Nessa perspectiva, as fotos da agonia Yanomami produzem sentidos que desafiam e chocam na proporção em que mostram algo novo, embora vejamos na seção a seguir que a novidade do fato não se confirma, tendo em vista que a situação já vem sendo apresentada há alguns anos. Segundo Sontag (2003), o primeiro contato de uma pessoa com o inventário fotográfico do horror supremo é uma espécie de revelação, uma epifania negativa, e a vida moderna oferece inúmeras oportunidades de ver, segundo a autora, por meio da fotografia, a dor de outras pessoas. Fotos de uma atrocidade podem suscitar reações opostas: um apelo em favor da paz, um clamor de vingança, ou apenas a atordoada consciência continuamente reabastecida por informações fotográficas de que coisas ruins acontecem.

Os signos da agonia Yanomami

Uma vez realizada a leitura do arcabouço teórico, propomos uma análise interpretativista dos enunciados selecionados, a partir do cotejamento com os elementos do referencial teórico. O primeiro passo para a análise das fotografias, visto que partimos de uma perspectiva



que compreende o signo como ideológico, portanto, enraizado na sociedade, na cultura e na história, é a contextualização do espaço e do tempo em os enunciados foram produzidos, ou momento no qual a crise humanitária foi gestada.

A partir da segunda metade de janeiro de 2023, os noticiários do Brasil e do mundo deram grande destaque às informações sobre a crise sanitária nas terras Yanomami, situadas entre Roraima e Amazonas. Entre informações, notas e declarações políticas, observa-se a grande quantidade de registros fotográficos de pessoas indígenas assoladas pela fome e doenças como malária, verminoses e diarreia. Enfermidades que dificilmente levariam à morte se houvesse condições de higiene, alimentação e cuidados adequados.

Embora tenha recebido maior cobertura de mídia no início de 2023, a crise na Terra Indígena Yanomami - com quase 100 mil quilômetros quadrados que abrangem os estados de Roraima e Amazonas - não é recente. De acordo com reportagens realizadas pelo portal G1¹, o problema vem sendo causado pelo avanço do garimpo ilegal que, apenas no último ano, aumentou 46% no território. O território foi demarcado em 22 de maio de 1992 pelo então Presidente da República, Fernando Collor, e o processo durou cerca de 15 anos. A demarcação envolveu uma longa batalha, com articulação internacional, até o governo brasileiro homologar a área. Atualmente, o território conta com uma população aproximada de 30.400 mil indígenas, que vivem em 386 comunidades. (OLIVEIRA, 2023)

À medida que o garimpo avançava em meio às comunidades indígenas e os garimpeiros exploravam os recursos da floresta, a crise sanitária se agravava. De acordo com Oliveira (2023), na avaliação de

1. Dados extraídos da reportagem de Valéria Oliveira para o jornal G1(online).

alguns ambientalistas, a atividade ilegal destrói a floresta, espanta a caça, polui rios e peixes e deixa o solo improdutivo para as plantações. Além de todos os malefícios, segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), em 2019 a área atingiu o maior índice de desmatamento desde 2008. Segundo a série histórica, foram 29 mil quilômetros quadrados desmatados. O maior índice antes do marco havia sido de 14 mil quilômetros quadrados, em 2008. Em quatro anos, a devastação de árvores e rios mais que dobrou: saiu de 1,2 mil hectares destruídos em 2018, para 3,2 mil hectares em 2021.

Diante desse cenário de degradação, as refeições, que, normalmente, eram baseadas em alimentos como arroz, feijão, mandioca, carne de caça e peixe, acabaram se resumindo a um ou outro item por vez, que, não raro, precisavam ser buscados a muitos quilômetros de distância da aldeia. Sem nutrição, as pessoas ficaram doentes. Fracos, os adultos não conseguiram ir em busca de alimentos para as crianças, que ficaram debilitadas e vulneráveis às doenças como malária, desnutrição severa, diarreia e verminoses. Além disso, há casos de postos de saúde que foram fechados por falta de segurança, ou transformados em depósitos de equipamentos pelos garimpeiros.

O Jornal Sumaúma² veiculou uma extensa reportagem sobre a crise no território e destacou que as imagens contidas na notícia foram feitas por indígenas e profissionais de saúde, que conseguiram vencer a barreira do garimpo criminoso e chegaram à Terra Indígena Yanomami nos últimos meses. Para publicá-las, o jornal pediu autorização para lideranças da etnia. Contudo, algumas das imagens não foram liberadas por afrontarem a cultura Yanomami ou por colocarem em risco de morte o

2. MACHADO, Ana Maria; BEDINELLI, Talita; BRUM, Eliane. Não estamos conseguindo contar os corpos. Jornal Sumaúma. 20/01/2023. Diários de Guerra. Disponível em: <<https://sumauma.com/nao-estamos-conseguindo-contar-os-corpos/>> Acesso em 02/02/2023.



autor das fotos. Imagens são um tema difícil para os Yanomami, como veremos na sequência deste trabalho. As lideranças que aceitaram a divulgação das fotografias tomaram a decisão movidas pelo desespero de verem crianças e adultos à beira da morte. “Essa atitude, tão rara para um Yanomami, dá uma medida do terror de ver crianças e velhos tomarem dia após dia” (MACHADO; BEDINELLI; BRUM, 2023).

Registros da situação enfrentada pelos Yanomami também foram enviadas ao Governo Federal e motivaram a visita de uma comitiva no dia 21 de janeiro de 2023. Nessa visita, foram anunciadas medidas para contornar a situação de calamidade, que incluíram o envio imediato de alimentos e suplementos, além do recrutamento de médicos e transferência de indígenas em situação crítica para hospitais com melhor estrutura.

A publicação das fotografias pelos meios de comunicação, sem dúvida deram início à denúncia dessa crise humanitária, e a cobertura da visita do Presidente da República, em 21 de janeiro de 2023, acompanhado de uma comitiva³ deram maior visibilidade para esses fatos.

Segundo Sontag (2004), fotos fornecem um testemunho, algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos, parece comprovado quando registradas em uma foto. Numa das versões da sua utilidade, o registro da câmera incrimina. Nessa concepção, a situação dos Yanomami, noticiada pelo jornal, ganha materialidade e credibilidade, ao ser divulgada por meio das fotos reproduzidas na reportagem.

3. Compuseram a comitiva presidencial nesta viagem os ministros Wellington Dias (Desenvolvimento Social); Nísia Trindade (Saúde); Sônia Guajajara (Povos Indígenas); Flávio Dino (Justiça); José Múcio (Defesa); Silvio Almeida (Direitos Humanos); Márcio Macêdo (Secretaria-Geral); General Gonçalves Dias (Gabinete de Segurança Institucional) e o comandante da Aeronáutica, Marcelo Kanitz Damasceno, além do governador de Roraima, Antonio Denarium (PP), e o secretário de Saúde Indígena do Ministério da Saúde, Weibe Tapeba (LIMA, 2023).

É preciso destacar que, na cultura Yanomami, não é permitido tirar fotos de crianças doentes. Para essa etnia, a imagem da pessoa é parte importante dela e disseminá-la em uma situação de enfermidade pode enfraquecê-la ainda mais. Até quando se morre, é preciso queimar todas as lembranças de quem partiu para preservar seu espírito no mundo dos mortos. No entanto, em entrevista concedida ao jornal *El País*, em 17/05/2021, o líder indígena Dario Kopenawa autorizou a publicação de uma foto de uma menina indígena de 8 anos deitada sobre uma rede. A criança, virou símbolo do histórico descaso do Brasil com o povo Yanomami, que luta para sobreviver em meio às graves crises que afetam o território.

O intervalo entre a publicação das fotos selecionadas para a análise é de mais de 18 meses, o que demonstra que o abandono das tribos indígenas do coração da Amazônia não é recente. As duas fotos selecionadas evidenciam a condição humana em situações de vulnerabilidade extrema, como se pode observar na Imagem 1:

Imagem 1: Criança Yanomami com desnutrição e malária na aldeia Maimasi



Fonte: Jornal *El País* - Digital



Nessa imagem, veiculada pela primeira vez no jornal *El País*, em reportagem publicada no dia 17/05/2021, temos o registro de uma menina indígena de 8 anos e 12 quilos. A magreza extrema torna possível ver sua pele moldar as costelas. Em primeiro plano, esquelética, com os ossos à mostra, a criança recolhida e envolta em uma rede – parece falar da finitude, a cabeça pende sobre o braço pequeno e magro, os olhos fechados, o corpo sem vida, encolhido, prostrado e sem força. No fundo, o cinza amarronzado ecoa a ausência de cores, de vida, de coisas. Os únicos elementos presentes na cena são um objeto cortante, à esquerda da menina, e outros dois arredondados, um a frente e outro atrás, sob a rede que recordam um tipo de recipiente que, por estarem vazios, reiteram a falta, a ausência, neste caso de alimento.

A fotografia foi tirada na aldeia Maimasi, em Roraima, pouco antes da transferência da menina para a capital do estado, Boa Vista, para tratamento do quadro de malária, pneumonia, verminose e desnutrição. A comunidade decidiu divulgar a fotografia enquanto a criança tentava se recuperar para denunciar aos *napëpë* – como chamam os não indígenas – seu sofrimento diante da grave crise de saúde que os ameaça.

A Imagem 1 mobiliza o que, para Bakhtin (2015, p. 52), é um discurso “[...] voltado para uma resposta e não pode evitar a influência profunda do discurso responsivo antecipável”, isso ocorre porque, na enunciação, o sujeito já antecipa uma futura resposta. Nesse sentido, a imagem 1 se constitui por meio do que já foi dito e faz uma previsão do ainda não. Essa antecipação produz um discurso que não é neutro e promove, em um processo interlocutivo, negação, silenciamento, revolta, em uma prática com várias associações discursivas com o mundo.

De acordo com Sontag (2004), o registro da câmera justifica um acontecimento, uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. Embora essa prova traga menos informações do que, de fato, contém a rea-



lidade, a fotografia como signo ideológico é concomitantemente reflexo da realidade e fragmento material dessa realidade. Todas as manifestações de criação ideológica e todos os signos não verbais se banham no discurso. Entretanto, isso não significa que a palavra possa suplantar qualquer outro signo ideológico, embora os signos possam apoiar-se nas palavras. Um signo cultural, como a fotografia, quando compreendido e dotado de um sentido, não fica isolado, torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação do signo em questão.

Os efeitos de sentido produzidos pela imagem geram sentimentos que se materializam em um discurso-resposta. Segundo Sontag (2004), a natureza do sentimento, até de ofensa moral, que as pessoas podem manifestar em relação às fotos dos oprimidos, dos explorados e dos famintos, depende também do grau de familiaridade que tenha com essas imagens. Para a autora,

Sofrer é uma coisa; outra coisa é viver com imagens fotográficas do sofrimento, o que não reforça necessariamente a consciência e a capacidade de ser compassivo. Também pode corrompê-las. Depois de ver tais imagens, a pessoa tem aberto a sua frente o caminho para ver mais – e cada vez mais. As imagens paralisam. As imagens anestésiam. Um evento conhecido por meio de fotos certamente se torna mais real do que se tornaria se a pessoa jamais tivesse visto fotos (SONTAG, 2004, p. 30).

Desse modo, a dimensão verbo-visual da linguagem fotográfica participa ativamente da vida em sociedade e os signos por ela produzidos podem ser lidos como produções sociais e históricas, construídas com o tempo, significadas e ressignificadas por meio da imagem, que reflete e refrata a realidade do povo Yanomami. Nas fotografias presentes nas notícias e reportagens, a articulação entre os elementos verbais e

visuais forma um todo indissolúvel. São textos em que a verbo-visualidade se apresenta como constitutiva, impossibilitando o tratamento excludente do verbal ou do visual e, em especial, das formas de junção assumidas por essas dimensões para produzir sentido. A partir da foto da indígena Yanomami, signos ideológicos emergem e do corpo esquelético surgem representações para a morte, a fome e, mais subjetivamente, para um projeto de poder que visa à extinção de um povo.

De acordo com Berger (2017), a câmera que isola um momento de agonia, o isola menos violentamente que a experiência daquele momento isola a si mesma. Desse modo, os significados criados a partir da leitura das imagens podem ser reduzidos a uma parte do que, de fato, representa a dor e o sofrimento daquele povo. Isso pode ser observado na Imagem 2:

Imagem 2: Criança Yanomami acometida de desnutrição



Fonte: Jornal Sumaúma - Digital



Essa imagem foi veiculada no jornal digital Sumaúma, em reportagem de Ana Maria Machado, Talita Bedinelli e Eliane Brum, publicada no dia 20 de janeiro de 2023. No centro, quase em close, é possível notar uma criança indígena muito magra, em visível estado de desnutrição, ossos à mostra, barriga estufada, cabeça desproporcional ao tamanho do corpo. Segundo Sontag (2003), o horror se configura no registro da câmera feito bem de perto, o registro da indescritível e horrenda mutilação de um ser humano; isso e mais nada. Na periferia da imagem, aparecem outras crianças e o braço de uma pessoa com luvas, tocando o peito de uma das crianças. A imagem dessa mão com luvas indica que a foto foi tirada quando as equipes de saúde já estavam presentes na comunidade, a fim de verificar a emergência. Os rostos são desfocados para atender à legislação e preservar a identidade dos menores, o que não isenta do impacto causado pela fotografia.

Berger (2017), ao falar sobre fotos de agonia e as reações desencadeadas por elas, indica que nos tomam de assalto por serem estarrecedoras. O autor destaca que, quando olhamos para essas imagens, o instante do sofrimento de outrem se apodera de nós e, assim, ficamos plenos de desespero ou indignação. O desespero nos leva a sofrer pelos outros sem nenhum propósito. A indignação demanda ação. Assim, sabe-se que a intenção, tanto das lideranças indígenas, que capturaram os fatos com suas câmeras, como dos jornais digitais mencionados neste trabalho, foi despertar a atenção das pessoas do mundo todo para as violações de direitos dos povos indígenas Yanomami e provocar um choque/comoção tão grande a ponto de mobilizar as pessoas, organizações e o poder público para a ação no território.

Por fim, os signos produzidos pelas imagens das crianças indígenas são construídos a partir de determinada esfera estético-ideológica, social e histórica, que possibilita e torna dinâmica sua existência,



interferindo diretamente em suas formas de produção, circulação e recepção. Na esfera jornalística, foco deste trabalho, o projeto discursivo é constitutivamente verbo-visual, ainda que se considere apenas o jornalismo digital. A marca identitária jornalística pode ser constatada na abundância de imagens, cujas presenças implicam textos verbais com os quais a dimensão visual está articulada e, também, na forma singular de disposição das matérias em uma página, em um determinado caderno. O diálogo entre diferentes textos constrói sentidos por meio das especificidades da dimensão verbo-visual.

Considerações finais

A fotografia, como parte de uma complexa rede de significações, produz, por meio da imagem, efeitos de sentido. A imagem considerada fruto do trabalho humano, pauta-se em códigos convencionalizados socialmente que possuem caráter conotativo, que remetem às formas de ser e agir do contexto no qual as fotos estão inseridas. O objeto fotográfico, então, passa a ser uma unidade integrante do sistema sócio-cultural, sem deixar de ser parte da realidade material, refratando e refletindo outra realidade.

As imagens analisadas neste artigo evidenciam a intensa violação de direitos sofrida pelos povos indígenas no decorrer dos anos, um holocausto à brasileira ou um projeto de extinção de uma etnia, quando se pensa que crianças e adultos morrem em decorrência de doenças facilmente tratáveis se há recursos de saúde disponíveis.

O signo ideológico das fotografias Yanomami é marcado pelo seu horizonte histórico e social. Os objetos valorizados, ou seja, aqueles que recebem a atenção do grupo social, dão origem aos signos como uma reação semiótica ideológica. Os signos ideológicos das fotografias, portanto, possuem significação interindividual e valor social.



O reflexo do abandono das terras Yanomami está explícito nas imagens analisadas e remontam a cenas, muitas vezes, registradas em documentários da Segunda Guerra Mundial, quando se viam pessoas com ossos à mostra nos campos de concentração alemães. Tais registros promovem questionamentos sobre a quem serve um projeto de poder que visa o extermínio de uma etnia. Dar-se conta disso e agir de acordo é o único modo ético de reagir frente a esses acontecimentos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1930-1936].

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Austin: University of Texas Press, 1993.

BARTHES, Roland. *A câmera clara: Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

BERGER, John. *Para entender uma fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: Conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 2003.

JUCÁ, Beatriz. *8 anos e 12 quilos, a criança com malária e desnutrição que simboliza o descaso com os Yanomami no Brasil*. El País Brasil, São Paulo 17 de maio de 2021. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-17/8-anos-e-12-quilos-a-crianca-com-malaria-e-desnutricao-que-simboliza-o-descaso-com-os-yanomami-no-brasil.html> > Acesso em: 02/02/2023

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. 3ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LIMA, Kevin. *Lula vai a Roraima para oferecer suporte aos indígenas Yanomami vítimas de desnutrição*. Jornal G1 (online). Brasília, 21/01/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/21/lula-vai-a-roraima-para-oferecer-suporte-aos-indigenas-yanomami-vitimas-de-desnutricao.ghtml>. Acesso em 08/05/2023

MACHADO, Ana Maria; BEDINELLI, Talita; BRUM, Eliane. *Não estamos conseguindo contar os corpos*. Jornal Sumaúma. 20/01/2023. Diários de Guerra. Disponível em: <<https://sumauma.com/nao-estamos-conseguindo-contar-os-corpos/>> Acesso em 02/02/2023.

Mais de mil indígenas Yanomami em estado grave foram resgatados nos últimos dias, diz secretário. Jornal G1 (online). Boa Vista, 24/01/2023. Disponível em:< <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/01/24/mais-de-mil-indigenas-yanomami-em-estado-grave-foram-resgatados-nos-ultimos-dias-diz-secretario.ghtml>> Acesso em: 02/02/2023.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2022.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Volkóva Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Valéria. *Raio-X: conheça a Terra Yanomami, maior reserva indígena do Brasil em emergência por casos de desnutrição e malária*. Jornal G1 (online). Roraima, 24/01/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/01/24/raio-x-conheca-a-terra-yanomami-maior-reserva-indigena-do-brasil-em-emergencia-por-casos-de-desnutricao-e-malaria.ghtml>. Acesso em 02/01/2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. Ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2021.

Recebido em: 04/03/2023

Aprovado em: 12/06/2023

Licenciado por

